

A ANTROPOLOGIA E A EXPANSÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL

**EDUARDO TEIXEIRA DE LIMA¹ NATALIA ALMEIDA PESCAROLE² PAULO
RICARDO MULLER³**

1 INTRODUÇÃO

Este estudo se propõe a compreender os modos de inserção de antropólogos(as) no processo de expansão da educação superior no Brasil, tendo em vista a institucionalização da disciplina acadêmica em regiões interioranas. A antropologia é um campo acadêmico que se insere no conjunto das Ciências Sociais, mas que preserva uma autonomia a partir de temas, problemas e metodologias próprias do seu fazer científico acerca dos aspectos socioculturais. Nesse sentido, a presente pesquisa buscou informações sobre a atuação profissional dos antropólogos(as) em contextos de expansão universitária, as tendências teóricas e influências desses profissionais, assim como as continuidades e rupturas no que diz respeito a produção do conhecimento situado nessas novas realidades institucionais (PEIRANO, 1992; OLIVEIRA, 2003; SEVERINO, 2009).

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Compreender as dinâmicas de produção do conhecimento antropológico em regiões interioranas por meio do perfil profissional de antropólogos(as), que atuam em contextos de instituições criadas pelas políticas de expansão da educação superior no Brasil.

2.2. Específicos

- a) Produzir um levantamento quantitativo de antropólogas e antropólogos atuando em instituições de ensino superior, essas que foram criadas por políticas de expansão da educação superior no Brasil nos últimos vinte anos;
- b) elaborar um formulário prévio destinado a coletar dados demográficos, socioeconômicos e da produção dessas/es antropólogas/os;

1 Mestrando em Antropologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contato: eduardolimauffs@gmail.com

2 Estudante da graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Erechim. Contato: nataliapescarole@gmail.com

3 Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor na Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Erechim.

c) realizar a coleta dos dados.

3 METODOLOGIA

Com o objetivo de compreender a atuação profissional de antropólogos(as), partimos das informações públicas disponíveis na plataforma currículo Lattes, no qual pode-se encontrar informações detalhadas sobre a trajetória acadêmica de todo pesquisador brasileiro. Nesta plataforma, consegue-se acessar os detalhes das publicações dos pesquisadores, os projetos de pesquisa, ensino e extensão que participaram, os lugares de atuação profissional, as linhagens teóricas de orientação, os temas de interesse e os engajamentos acadêmicos que realizaram em seus locais de trabalho. Sendo assim, organizamos a coleta de dados na plataforma Lattes em três etapas: (1) selecionamos as universidades que foram criadas com base na política pública de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI); (2) selecionamos os perfis de professores, com formação antropológica, que faziam parte do quadro de profissionais dessas instituições; (3) construímos uma estrutura de formulários e planilhas para coletar uma série de informações profissionais dos perfis selecionados. Os critérios para a seleção dos perfis para a coleta dos dados se fundamentou na atividade profissional em instituição criada pelo programa REUNI, mas também pela formação antropológica em algum nível acadêmico (graduação, mestrado ou doutorado). Em resumo, foram as seguintes universidades escolhidas para a coleta de dados: **Nordeste** (UFRB) + (UNIVASF), totalizando 20 perfis de professores universitários com formação em antropologia e atuando em cursos de graduação e pós-graduação dessas universidades; **Norte** (UFOPA), totalizando 14 perfis; **Centro-Oeste** (UFGD) + (UFCat), totalizando 8 perfis; **Sul** (UFFS) + (UNILA), totalizando 12 perfis. Após essa seleção das instituições e perfis, os bolsistas desta pesquisa realizaram o preenchimento das informações em formulários, que gerariam planilhas com o conjunto de informações coletadas. Os formulários estavam organizados a partir dos seguintes conteúdos: (1) Informações pessoais; (2) Formação acadêmica; (3) Atuação profissional; (4) Linhas de pesquisa e disciplinas ministradas; (5) Projetos de pesquisa; (6) Orientações; (7) Produção bibliográfica. O preenchimento dos formulários ocorreu com base nas informações no currículo Lattes, que passaram a fazer parte de uma planilha onde as informações ficam posicionadas em colunas e linhas. Foram sete formulários e sete planilhas. Cada planilha acumula informações por meio de conteúdos, assim, a organização das informações de vários pesquisadores(as) ficam dispostas em colunas, uma abaixo da outra e isso facilita a possibilidade de comparação entre profissionais. O processo de interpretação dos dados teve como base a disposição dessas informações nas planilhas, que podem ser agrupadas de outra

maneira a depender daquilo que se pretende saber. Por exemplo, se é requerido saber qual a mobilidade realizada por um pesquisador na passagem da formação acadêmica para a atuação profissional, basta cruzar dados da planilha seção “Formação acadêmica” e “Atuação profissional”. Isso também pode ser agrupado para compreender a mobilidade de vários pesquisadores e seus pontos de deslocamento, o que traz informações sobre os fluxos entre instituições e como isso impactou na transformação de perspectivas teóricas, metodológicas e temáticas. Isso porque em cada seção há as informações detalhadas das localidades, sendo possível verificar os contextos regionais que compõem a trajetória acadêmica e profissional de cada perfil de pesquisador. Também esses dados de mobilidade podem ser cruzadas com a seção “Produção bibliográfica” caso se queria saber quais os temas das publicações nesses períodos entre a formação acadêmica e a atuação profissional, o que nos permite ter uma ideia das transformações na temática da pesquisa na trajetória através da mobilidade. E também identificar quais eram os projetos fomentados pela instituição de formação, percebendo a relação entre interesses individuais e projetos institucionais. Identificar essas transformações na temática, mas também os contextos que informam escolhas de temas, podem dizer sobre as dinâmicas de produção de conhecimento perpassada pelas demandas regionais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da coleta de informações no Currículo Lattes, propomos algumas reflexões. A primeira é a respeito da dificuldade de se fazer uma coleta com base no critério de formação, quando há no interior das Ciências Humanas muita intercambialidade de perspectivas. A própria identificação de pessoas com formação em antropologia é difícil em alguns casos, quando a instituição não tem o curso de Ciências Sociais, mas eventualmente tem disciplinas introdutórias ou de caráter mais geral em outros cursos. A segunda é a respeito do que o Lattes pode nos dizer que entrevistas não podem. Entendemos que um olhar mais panorâmico pode revelar dimensões importantes do processo de inserção da antropologia nesse processo de expansão: quais instituições estabelecidas estão enviando mais egressos para essas novas instituições, e como isso afeta o campo antropológico e acadêmico de modo amplo, permitindo enxergar a reprodução, ou não, de determinadas formas hegemônicas de produção de conhecimento (WALLERSTEIN, 2007). Por fim, indicamos que a coleta dessas informações podem fornecer questões e problemáticas para futuras pesquisas sobre o assunto. Uma questão que vem se mostrando bastante relevante é sobre a interação entre práticas no conjunto da docência e os temas de pesquisa pessoal de cada profissional, esses que exercem funções de professores e pesquisadores. Aqui pesa a importância da interação com estudantes,

colegas e com outros atores do contexto local, que acabam estabelecendo demandas por conhecimento de sub-campos ou especialidades da antropologia (antropologia política, da religião, da música, urbana, etc.), que podem abrir novas agendas de pesquisa e interlocução. E, por outro lado, como a agenda de pesquisa que os professores “levam” para estes novos contextos se inserem, de modo mais ou menos eficaz, no horizonte da instituição, dos alunos e da comunidade regional.

5 CONCLUSÃO

De maneira inicial, percebe-se algumas questões interessantes sobre a relação de produção do conhecimento nos deslocamentos de pesquisadores entre instituições, sendo que antropólogos no perfil desta pesquisa mostram uma continuidade de relação com a universidade de formação acadêmica – a universidade de origem –, mantendo colaborações e agendas de pesquisa compartilhadas. Conseguimos ver isso a partir das coautorias na produção bibliográfica, publicadas quando o pesquisador(a) já exerce um cargo profissional numa universidade criada recentemente pelo REUNI e articula um fluxo de trocas científicas entre universidades. A localidade dessas instituições também importa na medida que pode fazer refletir sobre as interações entre diferentes estruturas na produção e circulação de conhecimentos no esquema das influências de abordagens científicas. Disso restaria questionar quais são os temas e problemáticas advindas de contextos de interior, cidades consideradas de média demografia populacional, que foram foco da política de expansão do ensino superior público? (SANTOS, 2006; CHAVES, 2008). Essa questão é imprescindível, porque faz emergir uma atenção para como as abordagens localizadas desses pesquisadores – que tiveram em grande medida suas formações em centros de produção científica nas capitais do país – participam de conexões mais amplas e como se inserem na dinâmica de circulação de conhecimentos com novas abordagens, advindas de problemas e questões locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAVES, V. L. J.; SILVA JR., J. R. (Org.). **Educação Superior no Brasil e diversidade regional**. Belém: EDUFPA, 2008.

ERIKSEN, T. H.; NIELSEN, F. S. **História da antropologia**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FILHO, W. T.; RIBEIRO, G. L. (orgs). **O campo da antropologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.



OLIVEIRA, R. C. **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

PEIRANO, M. G. S. **Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas**. Brasília: Universidade de Brasília, 1992.

RIBEIRO, G. L. Antropologias mundiais: cosmopolíticas, poder e teoria em antropologia. **Série antropologia**, Brasília, v 379, p. 1-16, 2005.

SANTOS, S. C. (Org.); HELM, C. M. V.; TEIXEIRA, S. A. **Memória da antropologia no Sul do Brasil**. Florianópolis: Editora da UFSC: ABA, 2006.

SEVERINO, A. J. Expansão do ensino superior: contextos, desafios, possibilidades. **Avaliação**, v. 14, n. 2, p. 253-266, jul. 2009.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O universalismo europeu: a retórica do poder**. São Paulo: Boitempo, 2007.

Palavras-chave: Antropologia; Ensino superior e expansão institucional; teoria antropológica

Nº de Registro no sistema Prisma: PES 2020 - 0333

Financiamento: UFFS